

**A COLEÇÃO ECONÔMICA DE LAEMMERT & C. EDITORES –
ESTRATÉGIA EDITORIAL NO CAMPO LITERÁRIO
BRASILEIRO NOS ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO XIX****THE ECONOMIC COLLECTION BY LAEMMERT & CO. –
PUBLISHING STRATEGIES IN THE LITERARY FIELD IN LATE
NINETEENTH-CENTURY BRAZIL**

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina*
pedrop@letras.ufrj.br

As coleções literárias reúnem uma gama de livros que revelam o perfil cultural de leitores e também as intenções comerciais de seus editores. Nossa pesquisa, da qual apresentamos neste artigo alguns dos aspectos estudados, se debruça sobre a Coleção Econômica da Livraria Laemmert & C. Editores, que difundiu pelo Brasil entre os anos de 1895 e 1898 uma série de romances estrangeiros já traduzidos para o português, em sua maioria franceses. A partir do estudo material dos exemplares desta coleção pertencentes ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional e do material correlato encontrado na Hemeroteca Digital Brasileira, refletiremos sobre este investimento editorial da tradicional livraria-editora Laemmert que, nos últimos anos do século XIX, visava atingir o público leitor brasileiro para o qual a literatura estrangeira constituía um patrimônio cultural, ao mesmo tempo que o inseria numa comunidade lettrada internacional.

Palavras-chave: Editora Laemmert, Coleção Econômica, campo literário, romances estrangeiros, livreiros-editores.

Literary collections bring together a range of books that reveal the cultural profile of readers as well as the commercial intentions of publishers. Our research, of which we present an aspect in this article, studies the Economic Collection of Laemmert & Co. that spread through Brazil between the years of 1895 and 1898 a series of foreign novels, mostly French, which had already been translated into Portuguese. Focusing on the materiality of the copies of this collection belonging to the National Library Foundation and related material found in the Brazilian Digital Library, we will reflect on this editorial investment of the traditional Laemmert bookstore that, in the last years of the nineteenth century, was aimed at reaching the Brazilian reader for whom foreign literature constituted a cultural patrimony, at the same time inserting him (or her) into an international lettered community.

Keywords: Laemmert & Co. Publishers, Economic Collection, Literary Field, Foreign Novels, Booksellers and publishers.



* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8104-1773>
Com apoio do Programa de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

1. A literatura em debate

Na edição de 10 de abril de 1896 da revista *A Bruxa*, o poeta Olavo Bilac (1865–1918), irônico e indignado, protestava contra a iniciativa empresarial da Livraria Laemmert & C. Editores que vinha favorecendo, havia quase um ano, o lançamento de obras de literatura estrangeira através de sua Coleção Econômica. O momento era favorável para o crescente mercado editorial brasileiro que passava por uma reestruturação e se voltava com maior atenção para a produção da literatura nacional após o desaparecimento do editor Baptiste-Louis Garnier (1823–1893), morto em outubro de 1893¹:

Quatro a cinco vezes, por mês, leio nos jornais: “Mais um bom serviço acaba de prestar a Casa Laemmert às letras nacionais, dando-nos o n... da sua Coleção Econômica, que contém desta vez a tradução do romance... de...”. Esta coleção econômica é uma maravilha! Cada volume custa 1\$000. Creio que por isso, mais que pelo gênero de literatura escolhido, tem ela feito verdadeiro sucesso. Assim que um volume aparece, o povo corre à casa editora, há calos esmagados, cabeças quebradas, e a polícia é obrigada a intervir, para acalmar a fúria ansiosa dos compradores de literatura barata. Vejamos agora de que natureza é o grande serviço que, no dizer dos jornais, presta a Casa Laemmert às letras brasileiras, com a sua coleção econômica. [...] Os nove volumes são impressos na casa Pereira em Lisboa, uma casa estrangeira. Os compositores, estrangeiros. Os brochadores, estrangeiros. Tudo estrangeiro. Só o público sorna que compra aqueles livros traduzidos para uma língua que pode ser tudo [...] tudo, menos portuguesa, – só esse público é brasileiro. E aí tem os senhores o serviço grande prestado às letras brasileiras pela Casa Laemmert! A Coleção econômica ainda não deu de comer a um autor, a um tradutor, a um compositor, a um revisor, a um brochurador do Brasil: por isso mesmo, presta um grande serviço às letras brasileiras! (*A Bruxa* (RJ), nº 10 de 10 de abril de 1896, p. 7, in Dimas 2006, vol. 2, p. 29)

Olavo Bilac se refere, nesta crônica já bem conhecida², aos anúncios da Coleção Econômica Laemmert que saíam em vários jornais da capital desde agosto de 1895, assim como às notas publicadas elogiando a iniciativa dos editores a cada volume lançado. Os anúncios, por sua configuração, deixavam bem claro qual era o público que visavam atingir: “Não vale hoje a desculpa que não se pode ler porque o livro é caro! Vinde, pois comprar, para animar os editores em tão arriscada empresa”. Eles consideravam um amplo leque de leitores, incluindo os menos favorecidos, que deviam adquirir os romances baratos para apoiar o investimento ousado dos empreendedores. A compra dos livros lhes permitiria formar “uma biblioteca dos melhores romances estrangeiros,

¹ Sobre a importância deste editor para a formação do campo literário brasileiro e seu apoio à literatura nacional, ver Hallewell (2012) e Granja (2016; 2013). Hallewell chega a afirmar que a casa Laemmert foi “a principal concorrente de B. L. Garnier”, e que entre a morte deste último e a retomada da Casa Garnier no início do século XX, a editora Laemmert “se tornou, por algum tempo, a principal casa editora brasileira” (pp. 254–255). É justamente nesse momento que a Coleção Econômica é lançada, junto com outras iniciativas que também privilegiavam a literatura brasileira.

² Alessandra El Far a menciona no capítulo “Os livros, as flores e a dinâmica das edições populares no século XIX” (El Far 2004, pp. 71–72); a crônica também foi estudada na Tese de Doutorado de Letícia Pedruzzi Fonseca (2012).

traduzidos por escritores competentes” (*A Notícia* (RJ), nº 69 de 20-21 de março de 1896, p. 2).

Os jornais, por sua vez, reforçavam a campanha publicitária da casa editora, num posicionamento contrário ao de Bilac. Parecia fazer parte do acordo entre editores-livreiros e jornais que os redatores destes últimos tecessem comentários elogiosos em eco ao anúncio publicado na folha, reforçando a estratégia de venda dos livros, que acabam também integrando as bibliotecas das redações dos jornais. Desde o primeiro volume da Coleção Econômica Laemmert – *As Aventuras de Tartarin de Tarascon* seguidas de *Tartarin nos Alpes*, de Alphonse Daudet (1840–1897) –, vemos aparecerem esses textos curtos e laudatórios ao romance publicado e à iniciativa dos editores. Alguns chegavam a nomear os tradutores, elemento que contribuía ainda mais para somar qualidade ao romance, sobretudo quando o tradutor era um escritor reconhecido entre os pares e os leitores, caso do português Manuel Pinheiro Chagas (1842–1895):

TARTARIN. O famoso *Tartarin de Tarascon*, de Daudet, tradução de Pinheiro Chagas, foi editado pela importante casa Laemmert em condições verdadeiramente excepcionais, e que vão garantir a divulgação da obra: imagine-se um elegante volume de 344 páginas, com capa colorida, é vendido a 1\$ para o público com abatimento sobre esse preço para os livreiros!

“Agradecemos o exemplar que nos foi enviado”. (*A Notícia* (RJ), nº 179 de 10–11 de julho de 1895, p. 1)

PEDRO E JOÃO. É o caso de dar alvíssaras aos numerosos clientes da casa Laemmert. Apareceu a (sic) segundo volume da Coleção Econômica.

O primeiro volume, o famoso *Tartarin* foi esgotado em dois dias; naturalmente vai ter a mesma sorte *Pedro e João*, o formoso romance de Guy de Maupassant, que é o que apareceu agora e do qual fomos obsequiados com um exemplar.

Apressem-se os que quiserem obter a obra, traduzida com esmero por Tito Martins. (*A Notícia* (RJ), nº 198 de 10-11 de agosto de 1895, p. 2)

O Sonho, romance de Emilio Zola, faz parte da magnífica *Coleção econômica*, dos Srs. Laemmert & C., que por modicíssimo preço oferecem aos amadores da literatura as obras dos melhores escritores em elegantes volumes nitidamente impressos.

Com este é o quarto volume da escolhida coleção. (*A Notícia* (RJ), nº 278 de 31 de outubro-1º de novembro de 1895, p. 2)

O NABABO. É o nome de um romance de atualidade, cujo belo e fácil enredo recomenda-se à leitura pública.

O leitor encontra-lo-á à venda na casa Laemmert & C, a conceituada livraria. (*Gazeta da Tarde* (RJ), nº 168 de 18 de junho de 1896, p. 1)

Bilac, em sua visão estreitamente nacionalista, depreciava a coleção como um todo: porque era composta apenas por romances estrangeiros, porque a impressão e a tradução eram portuguesas³, porque fazia sucesso sobretudo pelo preço módico dos volumes (que concordava com o preço praticado na venda da literatura nacional) e não pela qualidade

³ Na sua crônica, Bilac afirma, veementemente: “A casa Laemmert prostitui obras de arte de um valor artístico inestimável, mandando-as traduzir por sapateiros, que entendem tanto da arte da palavra escrita, como Daudet ou Zola da arte de fazer sapatos. E mais: a Casa Laemmert, com essas traduções de uma incorreção revoltante, envenena o gosto público” (Dimas 2006, vol. 2, p. 30).

literária das obras⁴; além disso, a coleção viria a atender à demanda de um público leitor “sorna” que se estapeava diante da livraria para obter um volume. Bilac indicava, desse modo, seu posicionamento de poeta em luta para ocupar seu lugar no campo literário brasileiro em vias de autonomização⁵, enfrentando a imposição do gênero romanesco, a concorrência da literatura estrangeira e o *modus operandi* dos editores que, embora compreendessem o que estava em jogo nas disputas simbólicas e conhecessem as qualidades literárias dos livros publicados, tomavam preferencialmente a literatura e a edição de livros como um negócio, para o qual, naquele momento, a literatura estrangeira era garantia de venda e de lucro.⁶ Bilac, enfim, via com maus olhos a predominância dos produtos estrangeiros em nossas terras, pois pensava que o volume de traduções que assolava o país não estimulava a produção da literatura nacional, deixada em segundo plano por editores e leitores. A Coleção Econômica de Laemmert & C. encontrava-se, assim, no cerne desse debate que marcou as últimas décadas do século XIX e início do século XX, no Brasil.

Apesar dos protestos de Bilac e de outros escritores do período⁷, esta coleção de romances estrangeiros se realizou como um empreendimento editorial de sucesso de uma livraria-editora importante para a cidade do Rio de Janeiro e para o país ao longo do século XIX até o início do século XX (Hallewell 2012, cap. 9; Machado 2012). Trata-se então, neste artigo, de lançar luz sobre este conjunto de livros, cujos volumes em sua maioria fazem parte do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e constituem elementos importantes para a compreensão da formação cultural do país e do próprio campo literário brasileiro nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Propomos uma discussão sobre o alcance de obras baratas que circulavam pelo país naquele final de século, e que constituiriam o gosto de um determinado público leitor, em contraponto com a questão da ‘literatura nacional’, levantada por Bilac em sua crônica, que procurava se impor paulatinamente através de editores-livreiros, de instâncias de consagração e de canonização literárias.

Cabe ressaltar que as linhas de investigação do estudo desta coleção são múltiplas e envolvem diversos aspectos, como o mundo da edição com seus agentes ou mediadores – editores, livreiros, tradutores; as questões de ordem político-lingüísticas, pois, como bem observou Bilac, trata-se de traduções de romances estrangeiros para o português,

⁴ Ainda Bilac: “A casa Laemmert tira o pão da boca dos escritores daqui, porque, num país em que o volume nacional não pode ser vendido por menos de 3\$000, dá por dez tostões um volume estrangeiro” (Dimas 2006, vol. 2, p. 30).

⁵ Usamos como referencial teórico para o estudo da Coleção Econômica da Editora Laemmert & C. o conceito de *campo literário* do sociólogo Pierre Bourdieu, caracterizado como uma arena de disputas mobilizando forças em constante tensão, provocando lutas simbólicas por obtenção de espaço simbólico legítimo, o que cabe perfeitamente aqui no caso do poeta brasileiro pertencente ao “polo de produção literária restrita” em confronto com o que ele considera uma literatura sem qualidades, tanto no que diz respeito à sua materialidade quanto ao seu teor literário, ou seja, um produto do “polo de grande produção”. A este respeito *vd.* Bourdieu (1971; 1992).

⁶ Esta é a perspectiva adotada por Jean-Yves Mollier (1988) ao tratar do universo editorial francês (bem integrado ao brasileiro e ao português à época) entre 1880 e 1920. O pesquisador mostra em seu estudo que a edição não se encontrava mais dentro de uma relação de mecenato que ligaria editor e escritor, mas estava inserida num modo de produção capitalista.

⁷ É o caso, para apenas mencionar um deles, de Adolfo Caminha com suas *Cartas literárias* (1895), também lembrado por El Far (2004, pp. 72–73).

mas de traduções feitas em Portugal; questões de ordem comercial, por apontar para um comércio transatlântico de livros e para acordos entre editores e livreiros; indicam igualmente a permanência da preferência por romances estrangeiros e sobretudo franceses nos últimos anos do século XIX, marcando a predileção do leitor por certos autores. Neste artigo, veremos a Coleção Econômica Laemmert & C. como uma das apostas do mercado editorial brasileiro finissecular para a ocupação de espaços simbólicos no campo literário em vias de autonomização e, sobretudo, para aquisição de capital econômico.

2. Parcerias editoriais

A primeira evidência quando se tem em mãos os romances da Coleção Econômica Laemmert do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, em comparação com outros volumes de mesmo título e do mesmo período, é que a coleção Laemmert não é original. Como já havia assinalado Alessandra El Far, tratava-se de “uma parceria com a casa de comércio de livros de A. M. Pereira, sediada em Portugal” (El Far 2014, p. 67). Este tipo de associação entre editores-livreiros constituía uma estratégia editorial eficaz para aqueles que não dominavam completamente certas fatias do mercado (Olivero 1999, cap. V “Les stratégies éditoriales”), caso de Laemmert & C. naquele momento em relação à edição literária, área na qual a firma de António Maria Pereira, desde a época de seu fundador, possuía vasta experiência.

Desse ponto de partida, cabem algumas precisões. À época do lançamento da Coleção Econômica Laemmert, os editores não eram mais os irmãos Eduardo (1806–1880) e Henrique (1812–1884) Laemmert, criadores da empresa e responsáveis pela casa editora desde a década de 1830. Eduardo já havia se afastado da firma em 1877 e morrido em 1880; Henrique falecera em 1884; Gustave Massow, Egon Widmann Laemmert, Carlos Mattfeld e Arthur Sauer assumiram o negócio como sócios. A firma foi refundada em 1891 com o nome Laemmert & Companhia, negócio que adentra o século XX, tendo aberto filiais em São Paulo e em Pernambuco (Hallewell 2012, pp. 272–273; Machado 2012, pp. 111–112 e pp. 130–132; Senna 1910/2006, pp. 77–85). Esta ação de expansão empresarial pode ser percebida com mais exatidão no processo paulatino de lançamento dos livros da própria Coleção Econômica: a partir de 1897 com o volume 17 – *Os dois rivais* de Armand Lapointe –, os anúncios trazem, abaixo do nome da editora que os encabeça, não mais “Rio de Janeiro – S. Paulo”, mas “Rio de Janeiro – S. Paulo – Pernambuco”.

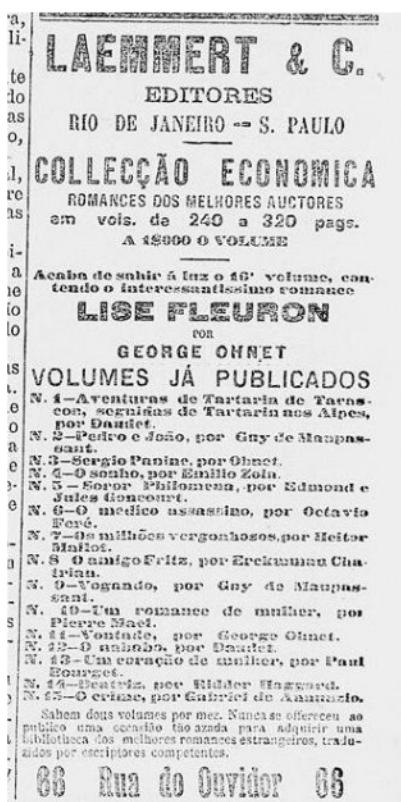


Figura 1

Figura 1. Anúncio da Coleção Econômica Laemmert.Fonte: *A Notícia* (RJ), ed. 304, 22-23 de dezembro de 1896, p. 2.

Figura 2

Figura 2. Anúncio da Coleção Econômica Laemmert.Fonte: *A Notícia* (RJ), ed. 55, 8-9 de março de 1897, p. 2.

As edições dos romances também trazem a informação, tanto nas capas quanto nas folhas de rosto, nos versos do anterrosto e na última página do volume – quarta do encarte publicitário que acompanha os números da Coleção Laemmert & C.⁸

⁸ Os volumes da Coleção Econômica Laemmert & C. do acervo da Fundação Biblioteca Nacional que ainda possuem capa original, apesar de terem sido encadernados são: volumes 4, 9, 11, 14, 16, 17, 19, 21, 23, 26, 28, ou seja, 11 num total de 29 volumes (ver lista dos números da Coleção Econômica Laemmert & C, seguida de seus autores e suas respectivas nacionalidades, assim como do ano de sua primeira publicação, no Anexo ao final deste artigo).

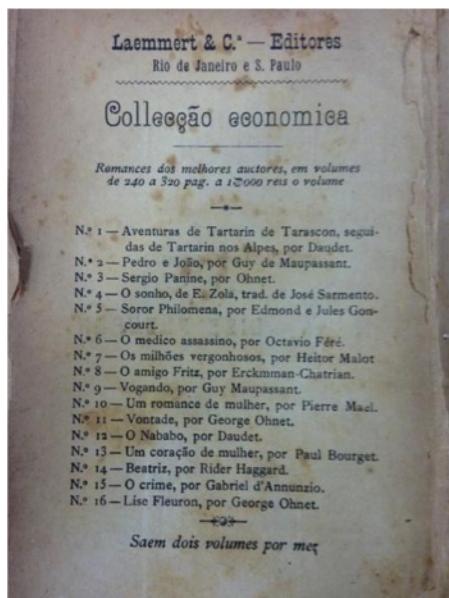


Figura 3

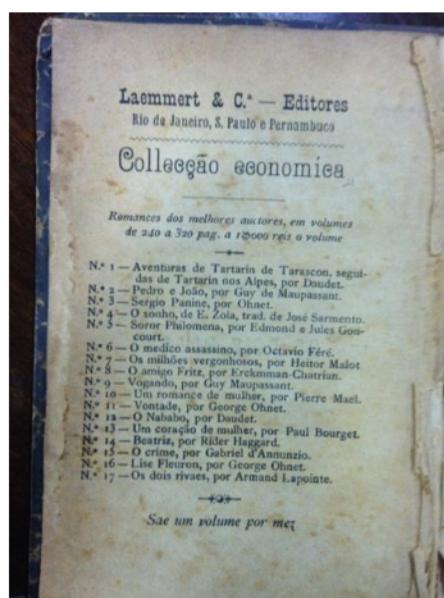


Figura 4

Figura 3. Verso do anterrosto do vol. 16, *Lise Fleuron*, contendo “Rio de Janeiro e S. Paulo”.

Fonte: Acervo da FBN–Brasil.

Figura 4. Verso do anterrosto do vol. 17, *Os dois rivais*, contendo “Rio de Janeiro, S. Paulo e Pernambuco”.

Fonte: Acervo da FBN–Brasil.

Os novos sócios procuraram manter a qualidade do empreendimento que marcava a importância da casa de edição como uma das mais tradicionais do mercado, ao lado da editora Garnier. No período da publicação da Coleção Econômica, a Livraria Laemmert, que costumava investir em “livros úteis” para a vida prática⁹, aproveita a morte de seu principal concorrente no mercado livreiro brasileiro, Baptiste-Louis Garnier – antes de seu irmão Hippolyte decidir reestruturar a livraria no início do século XX –, para investir em literatura e também em literatura brasileira, o que fica evidente em anúncios encontrados nos jornais e nos catálogos da Livraria Laemmert disponíveis no acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Edita inclusive, naquele momento, *Várias Histórias de Machado de Assis* (1839–1908), autor anteriormente editado por Garnier.

A Coleção Econômica faria parte, então, desse maior investimento na literatura de grande alcance, num nicho seguro de romances e novelas em geral conhecidos pelos leitores, pois a maioria, se não a totalidade dos textos propostos, já tinha sido publicada em forma de folhetim em diversos jornais do País. Muitos se encontravam em outras edições, em língua original ou já traduzidos. A sociedade ou o acordo com a editora portuguesa de António Maria Pereira (1856–1898) facilitava essa inserção no mercado de obras literárias pois, na ausência de legislação, os editores estariam livres de pagamento de direitos autorais aos autores estrangeiros e provavelmente também aos tradutores.¹⁰

⁹ Como podemos comprovar nas páginas finais dos livros da Coleção Econômica Laemmert & C., no encarte publicitário de 4 páginas que finaliza os volumes. Uma parte do encarte é dedicada aos “LIVROS ÚTEIS E NECESSÁRIOS”, como por exemplo: *Doceira brasileira*, *Consultor doméstico*, *Medicina veterinária*, *Médico dos pobres*, *Manual epistolar*, etc.

¹⁰ Na falta de contratos que o confirmem, supomos que originalmente a editora de António Maria Pereira tenha pagado a tradução dos volumes. António Maria Pereira afirma que, na gestão de António Maria

Segundo Hallewell, “não havia *nenhuma* verdadeira lei de direitos autorais, [...] no Brasil, até 1898”. A questão começa a melhorar com uma cláusula inserida na Constituição Republicana de 1891, mas só teria vingado com a lei 946 de 1º de agosto de 1898, quando nos parece que, por não termos encontrado dados que comprovem sua continuidade, a Coleção Econômica Laemmert & C. se encerra (Hallewell 2012, pp. 268–269).¹¹

É preciso assinalar que o parceiro português referido por Alessandra El Far, António Maria Pereira, não era o fundador da livraria-editora que leva seu nome, criada em 1848, em Lisboa. A parceria com a Laemmert para a Coleção Econômica se dá na gestão do filho deste, também chamado António Maria Pereira, nascido em 16 de fevereiro de 1856 e morto em 27 de julho de 1898, atuando como editor desde a morte do pai em 1880. É no período do segundo António Maria Pereira que a editora se tornará a maior de Portugal (Pereira 1998, p. 69). Pai e filho se inscrevem numa forte tradição de intercâmbio cultural e de comércio editorial com o Brasil, como aponta a pesquisadora Valéria Augusti, que se debruçou sobre a história do Grêmio Literário Português do Pará.

O primeiro António Maria Pereira (1824–1880) teria sido também sócio do Grêmio Português de Leitura do Maranhão, do Gabinete Português de Leitura da Bahia, de seu correlato em Pernambuco e sócio honorário do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (Pereira 1998, pp. 53–55). Em seu texto sobre o acervo do Grêmio Literário Português do Pará, estabelecimento fundado em 29 de setembro de 1867, Augusti destaca António Maria Pereira como “o principal dos fornecedores no período compreendido entre a fundação [do Grêmio do Pará] e o final daquele século” (Augusti 2016, p. 70). Na verdade, a pesquisadora parece fundir numa só pessoa pai e filho. O pai havia falecido em 9 de junho de 1880; o filho e sucessor morre em 27 de julho de 1898. A ata do Grêmio Literário Português do Pará, mencionada na nota 33 do artigo, que registra em 29 de agosto de 1898 nota de pesar pelo falecimento do livreiro, se refere então ao filho, com o qual a Livraria Laemmert negociou a Coleção Econômica. Vale destacar que, desde o primeiro António Maria Pereira, a apostila principal da livraria-editora portuguesa, muito atenta ao gosto globalizado do seu público, se concentrou na tradução de livros estrangeiros, principalmente franceses (Pereira 1998, pp. 24–25) – informação importante para compreender a Coleção Econômica Laemmert & C. e o acordo entre as casas editoras portuguesa e brasileira.

A esta altura, e na falta de contratos conhecidos, é preciso dizer que a análise material e comparativa dos romances do acervo da Fundação Biblioteca Nacional revelou que, para além da parceria comercial, tratava-se na verdade da mesma Coleção Econômica editada por António Maria Pereira para Portugal e lançada no mercado brasileiro por Laemmert. Ambas as coleções são impressas em Lisboa, por António Maria

Pereira, o filho, o escritor Pinheiro Chagas, um dos principais autores da coleção intitulada “Coleção António Maria Pereira”, que promovia a literatura portuguesa, colabora com a livraria como tradutor (Pereira 1998, p. 76).

¹¹ Olavo Bilac em sua crônica acusatória também havia trazido a questão dos direitos autorais e pagamentos para o debate, revelando o estado da questão e as práticas editoriais em 1896: “A Casa Laemmert comete um ato de rapina, apoderando-se de livros, cuja invenção e cuja fatura custou esforços sobre-humanos a autores estrangeiros, e explora-os sem indenizar esses autores. Bem sei que esse delito não está previsto no código. Mas também não tem no código uma punição especial o homem que vende o seu voto, ou que arruina a família, ou que trafica com a honra, e, nem por isso deixam esses atos de ser verdadeiros crimes” (Dimas 2006, vol. 2, p. 29).

Pereira, na sua própria tipografia – a *Typographia e Stereotypia Moderna* –, como figura no verso das folhas de rosto dos exemplares. O fato de o editor português possuir sua própria tipografia, equipada com máquinas modernas a vapor, dava-lhe a possibilidade de obter maior controle sobre a qualidade gráfica da edição e o barateamento dos custos de impressão (Pereira 1998, p. 68), o que o torna um excelente parceiro comercial. À época, mandar imprimir os exemplares no exterior ainda era bem mais barato do que fazê-lo no Brasil (Hallewell 2012, p. 260).

As duas coleções possuem a mesma identidade editorial, na qual se trocam apenas nas capas e nas folhas de rosto o nome do editor, da(s) cidade(s) e o sinete editorial (no caso de António Maria Pereira, com as iniciais do seu nome; no caso de Laemmert uma vinheta despersonalizada); todo o projeto gráfico, na grande maioria do material consultado, é semelhante: anterrosto, verso do anterrosto contendo os números já lançados da coleção, verso da folha de rosto contendo o local da impressão e por vezes o ano. Em geral, nas duas coleções, os inícios dos capítulos são encimados por cercaduras e se concluem com fundos de lâmpada bem variados. Na maioria dos casos, são as mesmas decorações nas duas coleções, embora isso não seja uma regra. No romance *Pedro e João*, de Guy de Maupassant (1850–1893), volume 2 da coleção, há semelhança nas cercaduras e fundos de lâmpada em ambas as coleções. No caso de *O sonho*, de Émile Zola (1840–1902), volume 4, isso não ocorre.



Figura 5

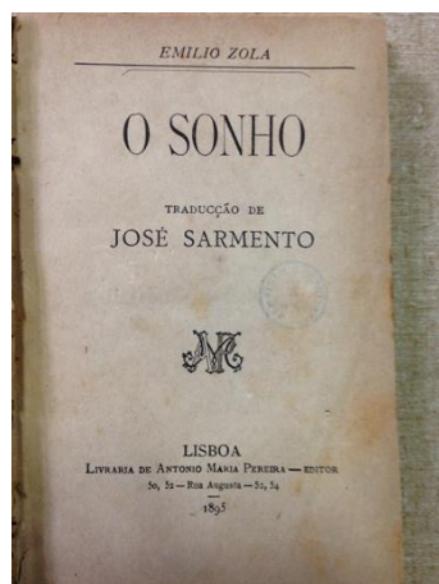


Figura 6

Figura 5. Folha de rosto do vol. 4, *O Sonho*, Coleção Econômica Laemmert.

Fonte: Acervo da FBN-Brasil.

Figura 6. Folha de rosto do vol. 4, *O Sonho*, Coleção Econômica António Maria Pereira.

Fonte: Acervo da FBN-Brasil.

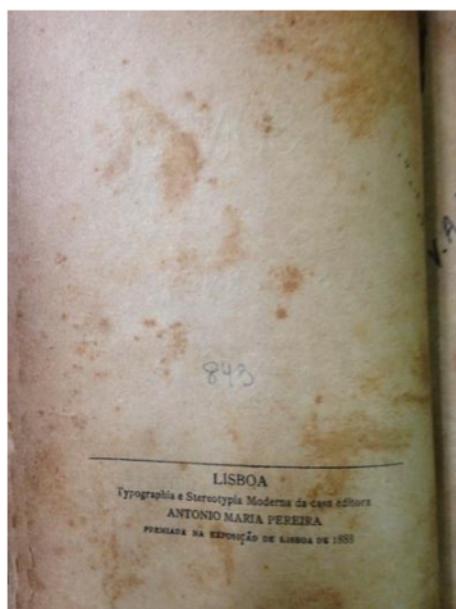


Figura 7

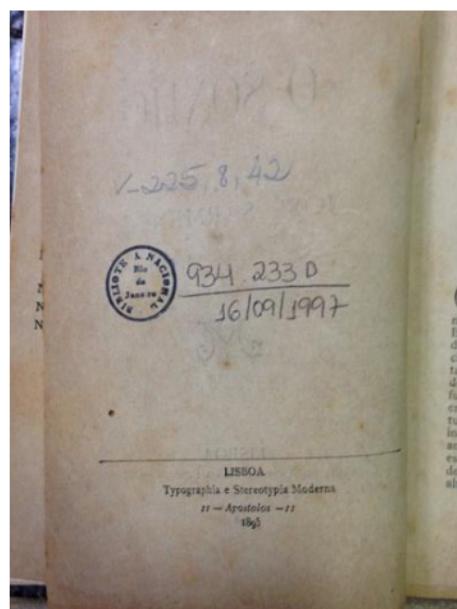


Figura 8

Figura 7. Verso da folha de rosto do vol. 4, *O Sonho*, Coleção Econômica Laemmert.

Fonte: Acervo da FBN–Brasil.

Figura 8. Verso da folha de rosto do vol. 4, *O Sonho*, Coleção Econômica António Maria Pereira.

Fonte: Acervo da FBN–Brasil.

O papel, como havia observado Alessandra El Far, possui realmente qualidade inferior, para baratear os custos. O formato exato dos volumes é indeterminado à primeira vista, pois não encontramos nenhuma brochura original, apenas volumes encadernados posteriormente, alguns contendo dois ou três romances da coleção, nos quais os encadernadores fizeram cortes das margens e supressões de algumas partes (em muitos casos, a capa e os anúncios de livros em fim de volume são suprimidos). De qualquer modo, trata-se de um formato pequeno, correspondendo a um in-16º – o que anúncios da coleção veiculados em edições de romances da editora de António Maria Pereira, datadas de 1904, confirmam: “Volumes in-16º. de 240 a 320 páginas”. Também é interessante que o acervo da Fundação Biblioteca Nacional possua tanto livros da Coleção Econômica da Editora Laemmert & C. quanto da edição de António Maria Pereira, por vezes encadernados juntos, o que indica que ambas as coleções circularam no Brasil e sugere ainda que eram tomadas como sendo a mesma, seja por leitores seja por bibliotecários.

Do exposto anteriormente, duas datas se destacam: a da morte do editor português em 27 de julho de 1898 e a da lei sobre direitos autorais promulgada no Brasil em 1º de agosto de 1898. Nossa hipótese é de que ambas coincidem com o que parece ser o fim da Coleção Econômica Laemmert & C.. É possível que tenha havido a interrupção ou a não renovação do acordo comercial com o sucessor português. Após a morte de António Maria Pereira, o filho, houve um período que durou até 1920 durante o qual a livraria-editora foi dirigida por um empregado de confiança da família, o Sr. Henrique Monteiro, que procurou manter a qualidade gráfica dos livros editados, já que em 1898, António Maria Pereira (1895–1972), o terceiro da linhagem, tinha apenas 3 anos de idade (Pereira 1998, pp. 117–118). Naquele período, Henrique Monteiro manteve várias das coleções da casa, entre elas a Coleção Econômica (Pereira 1998, pp. 122–123), o que pudemos

confirmar, por exemplo, no livro de contos *Relâmpagos*, de Armando Ribeiro, 52º volume da Coleção António Maria Pereira, publicado em 1904. Em suas páginas iniciais, encontra-se a listagem dos romances publicados (muitos esgotados) da Coleção Econômica que, em sua versão portuguesa, atingia seu 87º volume com *A ilha revoltada*, do jornalista e político francês Édouard Lockroy (1838–1913). Além disso, a Casa Laemmert deve ter pesado o fato de que continuar apostando em traduções de livros estrangeiros implicaria talvez em despesas diante da nova legislação sobre direitos autorais, mesmo a Coleção Econômica sendo inteiramente traduzida por tradutores portugueses. O Art. 21 da lei brasileira nº 496 de 1º de agosto de 1898 dizia:

Consideram-se igualmente contrafações as traduções em língua portuguesa de obras estrangeiras, quando não autorizadas expressamente pelo autor e feitas por estrangeiros não domiciliados na República ou que nela não tenham sido impressas. As traduções autorizadas que estiverem nessas condições devem ter a menção expressa: “Tradução autorizada pelo autor”, únicas que podem ser introduzidas, vendidas ou representadas no território da República.¹²

Ao mesmo tempo, pelos anúncios encontrados nos jornais e por seu *Catálogo das Obras de Fundo e outros livros que se acham à venda*, do ano de 1899¹³, podemos inferir que, aproveitando o vácuo editorial deixado após a morte de Baptiste-Louis Garnier, a Casa Laemmert passa a investir mais na edição e na venda de livros de escritores brasileiros como Machado de Assis com *Várias Histórias*; Rodrigo Otávio (1866–1944) com *Sonhos Funestos*; Valentim Magalhães (1859–1903) com *Bric-à-brac, Flor de Sangue, Horas Alegres, Vinte Contos*; Afonso Arinos (1868–1916) com *Pelo Sertão*; Figueiredo Pimentel (1869–1914) com *Um Canalha*; Adolfo Caminha (1867–1897) com *Tentação*; Horácio de Carvalho (1857–1933) com *O Cromo*; Pedro Rabelo (1868–1905) com *A Alma alheia*; e notadamente Coelho Neto (1864–1934), de quem a Livraria Laemmert edita naqueles anos *O Morto (memórias de um fuzilado)*, *Sertão, Inverno em Flor, O Paraíso, A Descoberta da Índia, Romanceiro, Álbum de Caliban, contos picantes*. A partir deste último, nota-se um filão editorial muito rentável que a livraria-editora também encampa – o de livros picantes e licenciosos que coloca à venda ou edita (Mendes 2017a; 2017b; 2018). Dentre eles podemos citar: *Filhotadas*, casos d’*O Filhote* por Pierrot¹⁴ (leituras para homens); *Pimentões* (rimas d’*O Filhote*), por Puff e Puck¹⁵; *Zina ou os transviados da ventura*, romance íntimo por Claudino de Abreu; *A amante de Jesus*, pelo escritor português Alfredo Gallis (Duarte 2017); e, de autores não nomeados: *Rimas inocentes* (leituras para homens); *Romance de uma freira*, por um Brasileiro; *Novelas Amorosas*, contos alegres; *A Greve dos Maridos*, contos picantes – dentre outros volumes do gênero, em geral vendidos muito barato.

Tanto Ernesto Senna quanto Laurence Hallewell afirmam que o interesse da Livraria Laemmert por literatura brasileira foi constante e crescente, e que, quando

¹² Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-496-1-agosto-1898-540039-publicacaooriginal-39820-pl.html>>. Consultado em: 15 de dezembro de 2018.

¹³ Catálogo encontrado no acervo da Fundação Biblioteca Nacional. O termo ‘obras de fundo’ significa todos os livros que a livraria edita ou dos quais ela possui os direitos.

¹⁴ Pseudônimo de Pedro Rabelo.

¹⁵ Pseudônimos de Guimarães Passos e Olavo Bilac.

encerrou suas atividades de edição de livros, em 1909, já havia lançado 1.440 obras de escritores brasileiros (Senna 1910/2006, pp. 84-85; Hallewell 2012, p. 261). Paralelamente ao lançamento da Coleção Econômica, cabe notar que a editora Laemmert desenvolveu outras coleções buscando abocanhar diferentes fatias do mercado livreiro no Brasil, como pudemos perceber em buscas na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional: a Biblioteca Comercial, a Biblioteca Industrial, a Biblioteca Histórica, a Biblioteca Filosófica, a Biblioteca Infantil, a Biblioteca da Juventude e a Biblioteca das Maravilhas.

3. Apropriações

A Coleção Econômica Laemmert & C. (ou a de António Maria Pereira) serviu de base para o empreendimento editorial ou comercial de outras livrarias brasileiras que ora repetiram a ideia, ora a adaptaram, numa realidade de mercado na qual a falta de regras e leis e a pirataria eram costume. Um caso mais complexo talvez seja o da Livraria Americana, que servia às cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Segundo Hallewell, citando Borba Moraes, as livrarias rio-grandenses eram favorecidas pela constituição do Estado do Rio Grande do Sul, que desrespeitava os direitos autorais alheios. Elas seriam os principais “piratas da edição” no Brasil no final do século XIX; para o pesquisador, ainda que ninguém nomeasse qualquer firma, estava claro que a principal delas era “a editora gaúcha mais importante daquela época, a Livraria Americana de Carlos Pinto”, que possuía uma “Biblioteca Econômica, de baixo preço e em formato de bolso”, que lançava traduções de Bourget, Alphonse Daudet, os Goncourt, Maupassant, Zola, Tourgueniev – em que reconhecemos os autores da Coleção Econômica Laemmert & C. (Hallewell 2012, p. 433).

No entanto, ao analisarmos o volume da Coleção Econômica do romance *Vontade*, de Georges Ohnet (1848–1918), encontramos igualmente no acervo da Fundação Biblioteca Nacional um exemplar do mesmo vendido na “Coleção Econômica” da Livraria Americana (e não a “Biblioteca Econômica” a que se refere Hallewell), também com impressão em Lisboa por António Maria Pereira (o que se confirma no verso da folha de rosto, no mesmo modelo da edição Laemmert), com o mesmo padrão gráfico e diagramação similar aos da Livraria Laemmert:

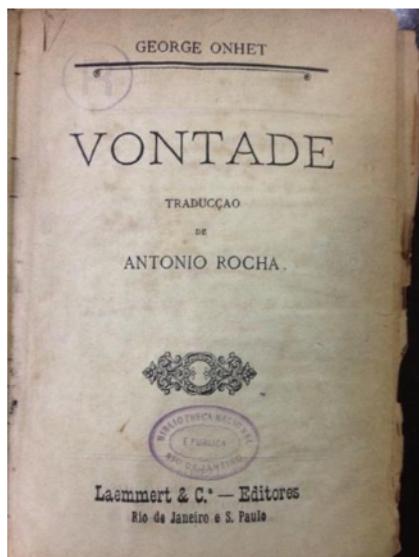


Figura 9

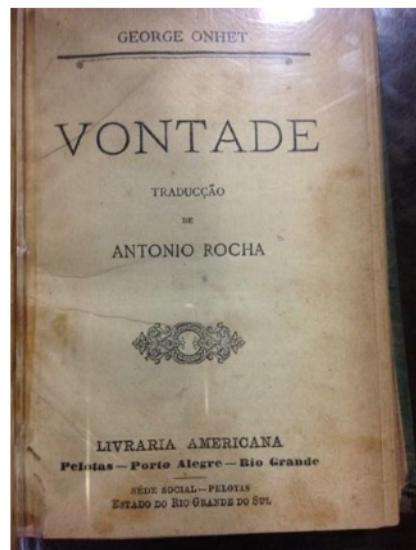


Figura 10

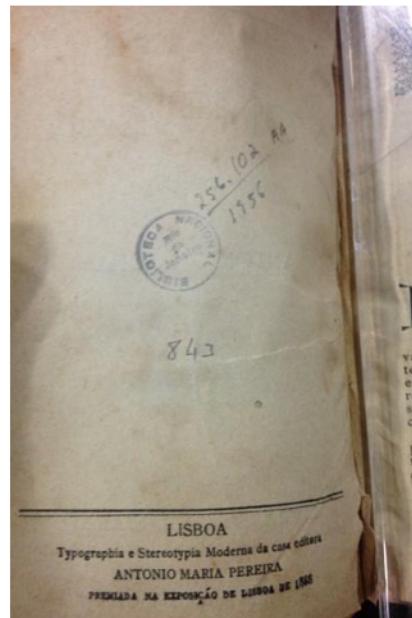


Figura 11

Figura 9. Folha de rosto do vol. 11, *Vontade*, Coleção Econômica Laemmert.

Fonte: Acervo da FBN–Brasil.

Figura 10. Folha de rosto do vol. 11, *Vontade*, Coleção Econômica da Livraria Americana.

Fonte: Acervo da FBN–Brasil)

Figura 11. Verso da folha de rosto do vol. 11, *Vontade*, Coleção Econômica da Livraria Americana.

Fonte: Acervo da FBN–Brasil.

Parece então ter havido, inicialmente ao menos, um contrato entre a editora gaúcha e a portuguesa, do mesmo modo como ocorreu com a Laemmert, & C., fato que viria a contrariar o que afirma Hallewell. A identidade entre as coleções das três casas livreiras também se confirma pelo nome dos tradutores, portugueses, os mesmos em todas as coleções. Porém, ao compararmos os anúncios da Livraria Americana veiculados no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para os anos de 1897, 1898 e

1899, também publicados por Carlos Pinto e Comp. Sucessores nas “oficinas a vapor da Livraria Americana”, notamos que os livros da coleção e sua organização são exatamente os mesmos da Coleção Econômica Laemmert & C. e os da casa de António Maria Pereira no almanaque de 1897, mas que nos anos seguintes eles se misturam a outros títulos, incluindo os de literatura brasileira, e não apresentam numeração.

Também é possível notar no primeiro anúncio, em letras garrafais o título “Coleção Econômica”, que se reduz nos outros anos. Se no primeiro lemos “Romances dos melhores autores contemporâneos”, no segundo e no terceiro a formulação se modifica para “A melhor e mais variada escolha de autores nacionais e estrangeiros”. No anúncio para o ano de 1898, identificamos até o romance de número 21 da Coleção Laemmert, *Forte como a morte*, de Guy de Maupassant. Naquele do ano de 1899 estão presentes todos os 29 volumes da Coleção Econômica Laemmert (ver o Anexo no fim do artigo), misturados a outros autores estrangeiros e brasileiros. O preço baixo se mantém em 1.000 réis nos três anos, o que é reforçado nos dois últimos pelo subtítulo “Coleção Econômica – Leitura para todos”, mostrando o interesse em continuar com o apelo popular junto ao público.¹⁶ Já o número de páginas oferecidas aumenta de 320 para 360. Descaracteriza-se, assim, a identidade inicial entre as três coleções, o que nos faz voltar a considerar o que havia afirmado Hallewell a propósito dos editores gaúchos e a contrafação.

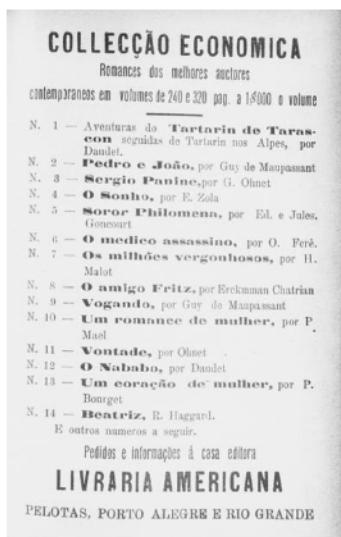


Figura 12



Figura 13



Figura 14

Figura 12. Anúncio da Coleção Econômica.

Fonte: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1897*, ed. 9, p. 300.

Figura 13. Anúncio da Coleção Econômica.

Fonte: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1898*, ed. 10, p. 55.

Figura 14. Anúncio da Coleção Econômica.

Fonte: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1899*, ed. 11, p. 414.

¹⁶ A título comparativo, 1.000 réis no Brasil correspondiam, na Casa Laemmert, ao preço de um pacote de papel higiênico. Por 3.000 réis era possível adquirir a “Injeção do Dr. Bettencourt”, remédio contra gonorreia e corrimentos femininos. A Livraria Laemmert vendia ao mesmo tempo que sua Coleção Econômica *Várias Histórias* de Machado de Assis por 4.000 réis em brochura e, em versão ricamente encadernada, por 6.000 réis. Uma roupa para banho, anunciada na mesma página do jornal, chegava a 14.000 réis (*Gazeta de Notícias* (RJ), ed. 322 de 18 de novembro de 1895, p. 5).

Outros anúncios em outros estados brasileiros também utilizam uma sistemática parecida, como aqueles publicados por Antônio P. Ramos de Almeida & C., que vende no Maranhão livros da “Coleção Econômica”, do volume 1 ao 11, na mesma ordem da coleção da Laemmert & C., ou sem numeração, suprimindo alguns romances¹⁷; por vezes, o livreiro conserva poucos números da coleção e, mantendo o título “Coleção Econômica”, acrescenta livros de outros autores estrangeiros pela metade do preço.¹⁸ Encontramos também a “Biblioteca Econômica” da Livraria Universal de Carlos Echenique, de Porto Alegre, na qual reconhecemos nos dez primeiros livros elencados exemplares da Coleção Econômica Laemmert misturados a outros volumes de romances estrangeiros e a uns poucos brasileiros.¹⁹ Nesta coleção, que mantém o preço de 1.000 réis o volume, não há uma preocupação em ofertar ao leitor narrativas contemporâneas; ela também vende obras de escritores mais antigos como Honoré de Balzac (1799–1850), com três romances incluídos, assim como romances de longa duração no gosto do público como o popularíssimo *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre (1737–1814), que permaneceu durante muitas décadas nos catálogos e anúncios de diversas livrarias.

4. Considerações finais

As “Coleções Econômicas” que se espalham pelo território brasileiro, entre acordos comerciais e apropriações indevidas, revelam o movimento comercial de livros entre os estados do País ao longo da última década do século XIX e primeira do século XX. A própria Livraria Laemmert se insere nesse circuito, por ter fornecido material a outros livreiros desde a primeira metade do século e por abrir filiais em São Paulo e em Pernambuco, como vimos, levando suas coleções e seus produtos para outros estados e regiões. Esse movimento, que é ao mesmo tempo econômico e cultural, tem sua origem no antigo comércio internacional de livros e impressos entre Europa e Brasil do qual participavam, por exemplo, a família Garnier e a dinastia livreira dos Antônio Maria Pereira, para citar apenas dois casos mais próximos de nosso interesse neste artigo.²⁰

Longe de ser um problema, na perspectiva por nós adotada, a visão romântica de uma coleção original não se impõe, assim, ao trabalho do pesquisador. Ao contrário, o fato de a Coleção Econômica circular em Portugal e no Brasil veiculando romances estrangeiros, e, dentro do país, em mais de uma livraria e em diversos estados, sustenta a refutação das ideias de atraso cultural do País em relação aos chamados países centrais e de falta de leitores – imaginário que parece perdurar até hoje, guardadas as devidas

¹⁷ Vd. *Diário do Maranhão* (MA), ed. 06788 de 16 de abril de 1896, p. 4 e *Diário do Maranhão* (MA), ed. 07356 de 10 de março de 1898, p. 4.

¹⁸ Vd. *Diário do Maranhão* (MA), ed. 07304 de 8 de janeiro de 1898, p. 4.

¹⁹ Vd. *A Federação* (RS), ed. 248 de 23 de outubro de 1908, p. 2.

²⁰ A esse respeito ver os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto de cooperação internacional “Circulação transatlântica dos impressos. A Globalização da cultura no século XIX (1789-1914)”, liderado pelos pesquisadores Márcia Abreu (UNICAMP) e Jean-Yves Mollier (Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines). <<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/>>

proporções.²¹ Por tudo que expusemos neste artigo, fica evidente que o mercado livreiro brasileiro era promissor no final de século XIX, que havia demanda dos leitores e das leitoras por livros dos mais diversos setores de conhecimento, inclusive o literário. Por outro lado, a existência de tal coleção, que parece ter conduzido à contrafação e à adaptação e multiplicação da ideia, reafirma a circulação internacional de bens culturais que indicam, para além das diferenças econômicas e políticas, o pertencimento a uma ordem global de cultura com o compartilhamento de um gosto comum, no que podemos chamar, como sugere Márcia Abreu (2016), de uma “comunidade letrada transnacional”.

O esquecimento de uma coleção literária deste teor e composição, contendo apenas livros estrangeiros, sobretudo franceses, é sintomático da recusa dos homens de letras – do passado e os de hoje – em admitir que desde bem antes das últimas décadas do século XIX o Brasil estava inserido numa ordem mundial de cultura e numa indústria cultural que não via fronteiras nacionais, daí os acordos entre livreiros e tipógrafos de várias nacionalidades, a fim de atender a um público leitor de gosto globalizado. Nessa nova ordem mais democrática, a cultura era considerada um produto e estava cada vez mais ao alcance de todas as classes, que se favoreciam do crescente processo de alfabetização.²²

A forte reação de Olavo Bilac contra o lançamento da Coleção Econômica Laemmert & C., na crônica que inicia este artigo, é exemplar da lutas desse campo de forças simbólicas em que os homens de letras recusam o romance popular – visto aqui não como uma literatura feita para o povo, mas como uma literatura que se dirige a um público amplo e variado (Compère 2011) –, como poderíamos depreender numa análise mais acurada do conteúdo dos volumes da Coleção Econômica Laemmert & C., que propõe um leque variado de romances e narrativas, capazes de agradar a leitores e leitoras de diferentes níveis sociais e culturais.

No final do século XIX, como nos lembra Alessandra El Far, “cientes das inovações tecnológicas de impressão, que barateavam o custo da produção em larga escala, os livreiros-editores passavam a lançar no mercado uma diversidade de obras capazes de agradar aos diferentes públicos em formação no espaço urbano” (El Far 2004, pp. 11–12). Bilac reclama do preço dos livros da coleção, romances traduzidos e muito baratos, o que faz com que a chamada literatura nacional não decole, nem atraia preferencialmente o público e os editores. Ora, como mostramos, Laemmert & C. estava sem dúvida investindo na literatura nacional, mas não poderia impor a seu público o que comprar e ler. A Coleção Econômica era uma de suas inúmeras frentes de ação editorial – com retorno certo, como a literatura licenciosa também o era –, apoiada em nomes de autores e livros que já faziam sucesso junto ao público, e que poderiam ser adquiridos mesmo pelos leitores menos favorecidos, que enfim formariam uma biblioteca em suas casas, sendo proprietários de uma coleção de romances.

²¹ Referimo-nos a ideias ainda correntes na historiografia literária brasileira, na esteira das obras de Antônio Cândido, de Lúcia Miguel-Pereira, entre outros, e que pesquisas de fontes primárias mais recentes vêm contestar.

²² Para entender esse processo na França, ver Kalifa (2001). No Brasil, parece-nos que a compreensão desse processo desde o século XIX ainda está se construindo nas pesquisas que põem em xeque os lugares-comuns perpetuados pela historiografia tradicional.

Como em qualquer negócio, o produto que vende mais sustenta aquele que ainda precisa de apoio ou que não alcança um grande público e, por conseguinte, dá menor retorno financeiro. Poderíamos pensar que algo mudou nesse sentido? As prateleiras das livrarias atuais no Brasil parecem continuar apostando em traduções estrangeiras, de retorno seguro, ao mesmo tempo que editores investem na literatura nacional em outra proporção, mostrando que o gosto não obedece a fronteiras, mas, desde o século XIX, segue a lógica de uma cultura globalizada, que depende por sua vez do acúmulo de capital simbólico das literaturas nacionais.

Referências

- Abreu, M. (2016). Uma comunidade letrada transnacional. In Márcia Abreu (Org.), *Romances em movimento. A circulação transatlântica dos impressos (1789–1914)* (pp. 365–394). São Paulo: Ed. UNICAMP.
- Augusti, V. (2016). Coleções de romances franceses na rota do Atlântico. In M. Abreu (Org.), *Romances em movimento. A circulação transatlântica dos impressos (1789–1914)* (pp. 61–91). São Paulo: Ed. UNICAMP.
- Bourdieu, P. (1992). *Les règles de l'art; genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (1971). Le marché des biens symboliques. *L'Année sociologique*, 22, 49–126.
- Catálogo das Obras de Fundo e outros livros que se acham à venda* (1899). Rio de Janeiro-São Paulo-Recife: Laemmert & C.
- Compère, D. (2011). *Les romans populaires*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle.
- Dimas, A. (2006). *Bilac, o Jornalista. Crônicas* (Vol. 2). São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo-EDUSP-Editora da UNICAMP.
- Duarte, A. M. (2017). Alfredo Gallis, o pornógrafo esquecido. *Revista Graphos*, 19(2), 7–20. <<https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2017v19n2.37682>>.
- El Far, A. (2014). Os livros, as flores e a dinâmica das edições populares no século XIX. In I. Sacramento & L. C. Matheus (Orgs.), *Histórias da Comunicação: experiências e perspectivas* (pp. 67–84). Rio de Janeiro: Mauad.
- El Far, A. (2004). *Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870–1924)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fonseca, L. P. (2012). *As revistas ilustradas A Cigarra e A Bruxa: a nova linguagem gráfica e a atuação de Julião Machado*. (Tese de Doutorado em Design). Rio de Janeiro: PUC. <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.21767>>.
- Granja, L. (2016). Um editor no espaço público: Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. *Estudos Linguísticos*, 45(3), 1205–1216. <<http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.594>>.
- Granja, L. (2013). Entre homens e livros. Contribuições para a História da Livraria Garnier no Brasil. *Livro*, 3, 20–31.
- Hallewell, L. (2012). *O livro no Brasil: sua história* (M. P. Villalobos, L. L. de Oliveira & G. G. de Souza, trad.). (3a ed.). São Paulo: EdUSP.
- Kalifa, D. (2001). *La culture de masse en France. 1: 1860–1930*. Paris: La Découverte (Repères).
- Machado, U. (2012). *História das livrarias cariocas*. São Paulo: EDUSP.
- Mendes, L. (2018). Histórias para sorumbáticos: Pedro Rabelo e a literatura licenciosa na *Belle Époque*. In C. Negreiros et al. (Orgs.), *Belle Époque: efeitos e significações* (pp. 90–109). Rio de Janeiro: ABRALIC.
- Mendes, L. (2017a). Álbum de Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica na Primeira República. *O eixo e a roda*, 26(3), 205–228.
- Mendes, L. (2017b). Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, 53, 173–191.

- Mollier, J-Y. (1988). *L'argent et les lettres. Histoire du capitalisme d'édition 1880–1920*. Paris: Fayard.
- Olivero, I. (1999). *L'invention de la collection*. Paris: IMEC—Éditions de la Maison des sciences de l'homme.
- Pereira, A. M. (1998). *Crônica de uma dinastia livreira*. Lisboa: Pandora.
- Senna, E. (2006). *O velho Comércio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial. (Original publicado em 1910).

Anexo

Volumes da Coleção Econômica Laemmert	Autores - Nacionalidade	Data da 1ª edição
1º <i>As Aventuras de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin no Alpes</i>	Alphonse Daudet (francesa)	1872 1885
2º <i>Pedro e João</i>	Guy de Maupassant (francesa)	1887–88
3º <i>Sergio Panine</i>	Georges Ohnet (francesa)	1881
4º <i>O sonho</i>	Émile Zola (francesa)	1888
5º <i>Soror Philomena</i>	Jules e Edmond de Goncourt (francesa)	1861
6º <i>O médico assassino</i>	Octave Fétré (francesa)	1871/72
7º <i>Os milhões vergonhosos</i>	Hector Malot (francesa)	1882
8º <i>O amigo Fritz</i>	Erckmann-Chatrian (francesa)	1864
9º <i>Vogando, Guy de Maupassant Senhor Parente</i>	Guy de Maupassant (francesa)	1888 1885
10º <i>Um romance de mulher</i>	Pierre Maël (francesa)	1895
11º <i>Vontade</i>	Georges Ohnet (francesa)	1888
12º <i>O Nababo</i>	Alphonse Daudet (francesa)	1877
13º <i>Um coração de mulher</i>	Paul Bourget (francesa)	1890
14º <i>Beatriz</i>	Rider Haggard (inglesa)	1890
15º <i>O crime</i>	Gabriele D'Annunzio (italiana)	1892
16º <i>Lise Fleuron</i>	Georges Ohnet (francesa)	1884
17º <i>Os dois rivais</i>	Armand Lapointe (francesa)	1878
18º <i>O último amor</i>	Georges Ohnet (francesa)	1889
19º <i>Um Búlgaro</i>	Ivan Tourgueniev (russa)	1860
20º <i>Memórias de um suicida</i>	Maxime Du Camp (francesa)	1853
21º <i>Forte como a morte</i>	Guy de Maupassant (francesa)	1889
22º <i>A alma de Pedro</i> <i>A condessa demônio / Traste inútil</i>	Georges Ohnet (francesa) Jean Richepin (francesa)	1890 1892
23º <i>Camila</i>	Guérin-Ginsty (francesa)	1883
24º <i>Traída</i>	Maxime Paz (francesa)	[1890]
25º <i>Sua majestade o amor</i>	Adolphe Belot (francesa)	1885
26º <i>Magdalena Férat</i>	Émile Zola (francesa)	1868
27º <i>Os reis no exílio</i>	Alphonse Daudet (francesa)	1878
28º <i>Dívida de ódio</i>	Georges Ohnet (francesa)	1891
29º <i>Mentiras</i>	Paul Bourget (francesa)	1887

[recebido em 10 de fevereiro de 2019 e aceite para publicação em 18 de novembro de 2019]